

QUINTA-FEIRA
Lisboa--18 de Setembro--1928

5 TOSTÕES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

121



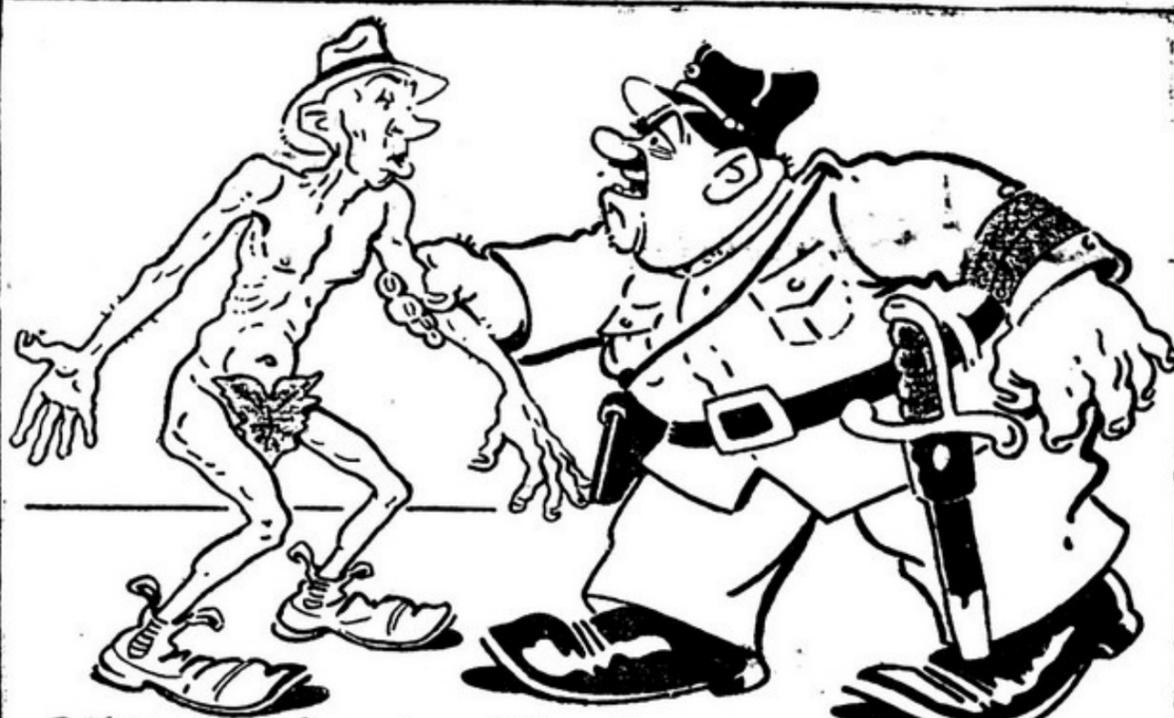
sempre
five semanário humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

A abolição do pé descalço



- Está preso por ofensas á moral! Não sabe que é proibido andar nu?!
- Será, mas como também não se pôde andar descalço, puz os farrapos no prego para poder comprar as botas.



- Para que roubou você o par de sapatos na Feira da Ladra?
- Para cumprir a nova ordem. Cá por mim, não me faziam falta nenhuma. Nunca usei calçado na minha vida.

Cumprindo á risca a nova disposição



J. Valença



Os ditos da semana



Casado 12 vezes

Aquele homem que, segundo rezam as folhas, casou doze vezes e não se mostra arrependido, é um raro exemplo de valentia se é que o não é de resignação.

Dá por bem pagas todas as horas de tormento que passou, com os fugazes momentos de prazer que as suas doze mulheres lhe proporcionaram e achava-se disposto a repetir a dóze, se ainda tivesse verga tempo, como o cesteiro que faz um cesto e era capaz de fazer um cento.

São raros, no nosso tempo estes heroes.

Uma duzia de mulheres ao mesmo tempo é a coisa mais natural deste mundo. Onde está ahi um mortal, que não tenha sempre no seu activo, pelo menos, uma duzia de mulheres, para se deleitar enganando umas com as outras, ao mesmo tempo que cada uma delas o vae enganando tambem, não com uma duzia de homens, mas com o resto da humanidade? Mas uma duzia de mulheres, uma de cada vez, umas atraz das outras, repetindo isocronamente as mesmass palavras, as mesmas questões, os mesmos ciúmes, e os mesmos beijos, atravez de uma vida, sem ter outras em quem descarregar os beijos e as descomposturas é uma tortura horrivel, que eleva um homem á palma do martirio e aos lastigios da gloria.

Aquele homem que foi doze vezes noivo, que teve doze luas de mel e doze sogras, é o maior heroe do nosso seculo.

Agua em barba

A nova estação dos Barbadinhos, que tem, agua em barba, vae-nos dar agua pela barba.

Lisboa, além de rainha do oceano vae ser a rainha da Limpeza. Basta ler nos jornais o relato da inauguração da nova estação dos Barbadinhos para se compreender que a miseria da agua, que tinha sido inventada pelo sr. Carlos Pereira, deu a alma ao crea-

dor. Acabou-se finalmente o tempo em que as mulheres e os galegos iam á procura da agua: agora é a agua que vai á procura dos galegos e das mulheres até os quintos e sextos andares, e, se mais alto não vae, é porque ainda não se inaugurou no nosso paiz, a epoca dos arranha-céus.

Segundo vimos na imprensa, a companhia explica assim a formidavel obra que acaba de realizar:

A Companhia tem uma potencia electiva total de 1.220 C V e trez transformadores de 193 K W A, um motor asincrono provido de arrancador céntrico, uma bomba bicelular e 10.000 volts de tenção fornecidos pelas Companhias Reunidas de Gaz e Electricidade, além de seis grupos de transformador motor-bombas aspiradoras. Com tamanha potencia e tenção, com tão poderosas aspiradoras e tantas palavras esquisitas, compreende-se perfeitamente que a Com-

panhia faz lenção de satisfazer as aspirações do consumidor, para o que tem tudo devidamente montado.

Agora tem a palavra o Alviela.

E agua? Agua não ha, mas quando houver, será elevada com toda a facilidade até ás maiores altitudes, como se fosse a agua da chuva que sobe até ás nuvens, sem maquinas elevadoras, sem companhia das ditas, sem o sr. Carlos Pereira, sem Barbadinhos e até sem canalisação.

Ah! que se a Companhia chega um dia a ter agua em barba medra com certeza.

Uma senhora assaltada

No *Seculo* de ha trez dias, lia-se esta encantadora noticia:

«Esta madrugada, quando uma senhora que se apeava de um táxi, na avenida da Republica, se dirigia para um dos predios daquela artéria, foi assaltada por um audacioso gatuno, que lhe arrancou das mãos uma

mala, contendo uma avultada quantia. Aos gritos de socorro, acudiram a Policia e populares, que correram em perseguição do gatuno. Este conseguiu evadir-se, mas, na precipitação da fuga, deixou caír a mala, que depois foi entregue á referida senhora que se negou a declarar a sua identidade».

Emquanto se sentiu roubada, a pobre victima, gritava por socorro. Servia-lhe a policia, serviam-lhe os populares, servia-lhe até um regimento com cornetas e tudo. Que viesse gente, muita gente, porque era urgente recuperar a mala e a avultada quantia que ela continha e que, pelo visto era uma continha calada, embora não fosse tão calada que não tivesse dado sinal de si ao gatuno. Mas assim que a mala lhe caiu nas mãos, depois de ter caído das do ladrão, a pobre senhora caiu em si e foi mais uma vez assaltada—assaltada pelo receio de que fosse necessario dar muitas explicações a respeito de tudo o que se passara naquela noite aziaga e negou-se a declarar a sua identidade.

—Sempre ha gatunos que tem muita sorte... Aquilo é segredo que nunca mais se desvenda. A pobre victima não será capaz de dar com a lingua nos dentes, nem mesmo no seio da familia.

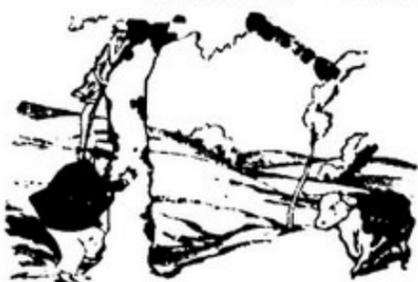
Pomicola Ha palavras que tem o condão de fazer coegas á gente. Pomicola é uma delas. Dá-nos a impressão de uma unha a arranhar na parede, ou de uma pancada no ossinho melindroso do cotovelo. É uma palavra que deita a lingua de fóra, que faz esgares, mas que fica muito bem quando se refere a uma exposição de fructas, como esta que vae realizar-se por iniciativa do *Seculo*, no Ginasio do Liceu Camões e em que figura com certeza o limão que, no dizer de Fialho, tem ás vezes um bico seco e retorcido, que é a forma daquele fructo fazer um gesto desprimoroso mas muito popular. A palavra tambem assim é.

Mario Salgueiro



A. Mario Salgueiro,
com um grande abraço,
o seu amigo e admirador
J. Valença

Vidro por fóra, aço por dentro



— Não te mechas, Lucrecio, que esta é dos que investem!



O bombeiro na sua casa de campo.

Melhoramentos

Francoamente para s'andar
P'la cidade a passear
E' preciso, mui cuidado,
Pois inesperadamente
Num buraco pode a gente
Ficar vivo sepultado.

E' aqui, ali, acolá,
P'ra toda a parte que vá,
Da Avenida ao Chiado,
Só vejo montes de entulho
E o povo já faz barulho
Por vér tudo esburacado.

Para melhorar a luz,
O' leitor, nunca supuz
Vér a Baixa revolvida,
Abrir-se tanta trincheira
Desde a Praça da Figueira
Ao Chiado e Avenida.

Não se pode andar á tóa;
Tem juizo uma pessoa
Que antes de casa sair
Faça o seu testamento,
Pensando nesse momento
Nalgum buraco cair.

Cair, mas sem ser no conto,
Nem mesmo por andar tonto,
Mas cair por distracção,
Pois quem nas ruas transita
Tem que gramar esta fita
«Obras da iluminação».

P'ra atravessar uma rua,
Um cidadão até súa,
Faz prodigios sem igual,
Eu digo com puridade,
Que já tenho habilidade
Para imitar um pardal

Um pardal ou um palhaço
Porque do Terreiro do Paço
Té alcançar o Rossio,
Co'as ruas esburacadas,
De pedras atravancadas,
Os meus saltos são a fio.

E' uma coisa divertida
Do Chiado á Avenida,
Tudo com medo aos buracos,
Constantemente a saltar,
A's vezes faz-me lembrar
A «Aldeia dos Macacos».

A. C. Lourenço.



— Tanto trabalho para me tirar um dente que eu abanava só com um dedo...

— E então? Com um dedo abana você o rabo de uma vaca; mas experimente arrancar-lh'o.



O pintor — Mas que diabo hei-de eu pintar, se já estão feitos todos estes quadros da natureza?

Espanhoes em Paris

A ida de toureiros espanhóis a Paris, em Novembro de 1925, dava, não uma, mas muitas novelas. Todos os toureiros foram protagonistas de novelas mais ou menos parisienses, mesmo os mais feios e deslealistas.

Desde o Circo Pergolése, quando da Exposição de 1900, que a Paris não iam toureiros, dos autenticos, de Espanha e com «coleta», e só as francesas do Sul ou as elegantes que de Biarritz vinham a San Sebastian, se podiam gabar de ter conhecido «toreadores».

A chegada de dois «rojeadores» e dois «amadores», com suas «cuadrillas», causou espanto nos «boulevardiers», o que é mais facil do que muita gente supõe, porque não ha maior «provinciano» que o da Cidade-Luz. E como os toureiros, para se não sentirem isolados na barafunda de Paris, coincidissem todos no mesmo café, succedeu affluirem, como borboletas atraídas pela luz dos falsos brilhantes dos peitinhos engomados — as que realmente o eram, «papillons» dos «cabarets» de Montmartre.

E era vê-las entusiasmadas com a elegancia exotica em que todos os toureiros primavam em Paris, ostentando jaquetas justissimas que se envergonhariam de vestir em Madrid mas que no estrangeiro exibiam com o orgulho duma bandeira.

Algumas exigiam que os toureiros lhes mostrassem as cicatrizes causadas pelos touros; outras embeveciam-se na contemplação das raras «coletas» que alguns «castijos» ainda usavam; e todas escolhiam o «seu toureiro»...

Boas hospitaleiras, levaram-nos do café para os «restaurants», onde os brindaram com selectos «amendos», e não houve força humana nem boa razão que as convencessem da conveniencia de não acompanharem os seus heróis ás recepções preparadas nas «tertulias» taurinas parisienses.

Os «aficionados», de sobrecasaca, péra e fitinha, escandalizaram-se com a invasão das «cocotes», não tanto por elles como pelas esposas que os acompanhavam, não dispensando conhecerem também os «toreadores». Mas tudo se arranjará — porque entre gente civilizada tudo se arranja, se as «madames» não iniciassem autenticos duelos com as «papillons» que antes tinham pousado nas doces flores de «coleta».

umas evocavam os seus direitos de «mulheres dos socios», outras a sua prioridade, e todas se supunham com titulos para a propriedade dos «diestros».

Terminadas as conferencias taurinas, das quais os espanhóis não entenderam palavra, tudo desandou para Montmartre, pois as «socias» exigiram dos bons maridos a continuação da homenagem aos homens de «la fiesta». E, de madrugada, cada toureiro era um cacho de mulheres, deixando atraz um rasto de maridos abandonados.

Não uma, mas muitas novelas, ou, pelo menos, motivos de novelas.

O espanhol mais discreto, um «rojeador» famoso, teve que se refugiar nos seus aposentos do «Claridge's», fechado a sete chaves, ante as perseguições duma «vedette» «doublé» do teatro e do cine; duma titular com ares de escritora e ainda de uma «aficionada» completamente louca. A primeira ameaçou pedir-lhe uma indemnização pelo desprestigio que para ela representava o desprezo manifesto por todas as fórmulas e, publicamente, no «diner» de gala do «Claridge's». A segunda, a mais simpatica, incorreu, pela sua insensata paixão, no desagrado da «vobre maná» e das consocias do «Lyceum», ao mesmo tempo que desatendia os seus trabalhos literarios. A terceira, a megera louca, atingiu as raias do disparate, lançando-se sobre ele, como uma possessa, num momento em que o infeliz se julgava protegido pelas ruínas das «Arènes de Latéce», recinto fechado onde se deram as corridas de touros em Paris.

Foi preciso que um amigo o protegesse, mas deveras, enquanto outro ia buscar um taxi para a fuga desordenada.

Outro «rojeador», mais modesto caiu em atender a sua apaixonada, que assim se animou para o acompanhar até Madrid, onde creio que já se naturalizou. Um bandarilheiro deste foi contemplado com uma amiga da anterior, mas foi tal a sova que lhe deu em Irun que a francesa entendeu regressar á origem.

Um «espada» mexicano comparilhou com seu irmão das delicias de uma gentil parisiense que lhe fôra apresentada por seu marido, um jornalista tauromaquico, também parisiense e que, ao contrario do que seria do supôr, se retirou das lides tauromaquicas ao ter conhecimento da deslealdade dos toureiros.

Tambem neste caso tinha a parisiense uma sobrinha que se prendou dum sobrinho dos mexicanos, ficando assim tudo em familia.

Outro «espada», este madrilenho, foi solicitado por uma excentrica da «Rotonde», que teimou em pintá-lo com «draje de luces» e sem traje, parafraseando assim as «majas vestida y desnuda» do seu colega Don Francisco de Goya.

Mais o mais infeliz dos toureiros espanhóis em Paris foi um picador que apenas fôra para figurar no «paseo», pois o prefeito do Sena proibira a sorte de varas.

O bom do picador era dos tais que ainda usavam «coleta» e, uma bela manhã, acordou sem ela porque a sua apaixonada se servira duma tesoura para lhe cortar o que para ela ficou sendo inapreciavel reliquia. O pior foi a volta a Madrid, para explicar á mulher, uma «sená» de cabelinho na venta, a desaparição do apêndice capilar.

De todos, foi este o que mais tempo maldisse dos entusiasmos das «franchutas».

A CASCAES...

As Regatas do C. N. P.

(Ao Carlos Ribeiro)

A ordem de serviço no jornal marcava-me, para domingo, as regatas de Cascais. Reporter obediente, levantei-me a horas matutinas para embarcar num reduzido vapor que o C. N. P. puzera, amavelmente, na ponte da Parceria. Pareceria que isto devesse ser motivo de regosijo para mim, mas a verdade é que não nasci para andar no mar, e muito menos de sociedade com meninas valentes e tangueantes.

Ocupando quasi toda a prôa, um sexteto de cegos musicais, macrocefalos, microcefalos, com protuberancias sinistras, um bando de pobres doentes que muito lamento e desejaria auxiliar, mas que não eram de molde para me alegrar a vista que pretendia afastar do mar.

Condenado a não olhar para o interior do barco nem para o Tejo, resolvi olhar para o ar e não lhes digo o que lá de cima me fez uma gaivota irreverente.

Ao cheiro do barco, da maquina e de certo gabinete, juntava-se o espectáculo dum abufete, que ocupava o espaço que os cegos deixavam vago na prôa. Com tão fortes aromas, horizontes e tão limitados os movimentos, não lhes conto o que sofri na viagem até Cascais, aumentada de simpaticas paragens na Trafaria, onde mais meninas «fox-troteantes» se juntaram ás que já contribuíam para o balanço do barco com o balanço das suas danças.

O caso é que, ao chegar á baía, tratei de alugar, por todo o preço, uma chata que me levasse para terra.

Já em terra, procurei o recinto reservado para o qual tinha amavel convite. No recinto estavam seis pessoas, perdidas, assustadas de tão grande solidão. Lá ao longe, muito ao longe, da banda do mar, tojava a banda da Armada. O *haut-parleur* começou tossindo convulsivamente e algumas pessoas afirmaram, com notavel poder de adivinhação, que as regatas iam começar. Simultaneamente, começaram singrando na baía: chalupas, canoas, mono-tipos e todos os tipos de barcos possiveis. Quais corriam? Misterio! O *haut-parleur* continuava expectorando e os seis pessoas do recinto reservado faziam apostas sobre o que diriam os jornais no dia seguinte acerca dos vencedores. Precisar quem ganhava era evidentemente impossivel porque havia *handicaps*, mas no dia seguinte tudo se deveria esclarecer, graças ao espirito de penetração dos jornais. E assim aconteceu. Segunda-feira, todos e eu tambem soubemos os barcos que chegaram primeiro, os barcos e até os aviões, estes numa inédita corrida que ninguém viu, porque saíram de Cascais para o Bom-Sucesso... e volta!...

Reporter Y.



— Você é inenarravel. Em duas horas que estamos dançando e você minha querida ainda não tomou um sinal de fadiga.

— Então você não sabe que por conselho de meu medico, tomei TODDY todos os dias? Ele me dá o vigor e energia e o palminho de cara que o faz a você andar derretido...

Opinião duma cinefila



— Os homens são uns atrevidos.



dasse-lhes o pé...



tomam logo a mão...

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115



A antiguidade da telegrafia

Um rapaz, cheio da mania das antiguidades, colecionava com um grande desvanecimento objectos referentes á Revolução Francesa, tais como: o escarrador que serviu a Robespierre, a tina onde foi assassinado Marat pela celebre e formosa Carlota Carday, e até mesmo um suposto osso que pertencera ao esqueleto do cavallo branco de Napoleão.

Encontrando ha dias um amigo que, como ele, tinha tambem a mania das coisas antigas, contou-lhe, maravilhado:

— Meu pai, que tem a mania das obras, concebeu a edificação duma garage no fundo do quintal da minha casa, mas, como o terreno não tivesse a solidez suficiente para se estabelecer os alicerces, os operarios tiveram de cavar até á altura de dez metros e nessa altura, com grande espanto dos circunstantes, foram achados uns fios de metal que logo se viu serem de telegrafia.

A fim de estudar o terreno, foi chamado um geologo que, depois de o examinar minuciosamente, chegou á seguinte conclusão: o terreno é da epoca terciaria, concluindo-se, portanto, que já nessas eras havia telegrafia...

— Ora — respondeu o amigo, que parecia não ter ficado maravilhado — nada disso te causará admiração desde que eu te conte o que se passou numas escavações feitas na minha quinta de Cacilhas: Querendo-se edificar uma casa para o caseiro, surgiu a mesma coisa imprevista que se deu com o teu quintal, porque tambem o solo não tinha consistencia para se lançar os alicerces, tendo-se de cavar até á profundidade de 30 metros. Por curiosidade, chamámos tambem um geologo experimentado, o qual, maravilhado, nos disse que o nosso terreno era muito anterior á epoca terciaria.

«Até aqui não ha grande interesse, mas com o que eu vou rematar esta minha descrição é que tu vais ficar espantado, porque no terreno da minha quinta não foram encontrados fios, donde se concluiu que, já antes da era terciaria, havia telegrafia sem fios...



— O' rapaz, tu que és destes sitios, podes dizer-me se aqui ha sardas?
— Ha, sim, senhor. Tem-nas a minha irmã na cara.



— Não vêz esse carrito que ai vai na frente?
— Vejo, mas vou pô-lo cá em cima do nosso como mascote.

PRÓ-TURISMO

A FEIRA DE SEVILHA

A anunciada Feira de Sevilha veio revolucionar de certo modo a nossa vida e os nossos costumes. Tudo se apresta, portanto, para o grande certamen na formosa capital da Andaluzia, onde os olhos tentadores das andaluzas reluzem como facetas de diamantes aos sorrisos cubiçosos dos manes de Viriato.

Depois dos cartazes, já expostos pelas esquinas, alguns deles verdadeiros mostrengos futuristas de causar engulhos ao mais mfope, não tardam a aparecer postais, medalhinhas, lapinhos, marchas, selos e outras bugingangas comemorativas da nossa representação all.

Ora, daquela procedencia espanhola já nós conhecemos de ha muito as tradicionais *sevillhanas*, uma especie de *blsturi* vantajado usado por certos operadores em rixas nacionais e peninsulares...

O que falta, então, é que lá conheçam os nossos produtos e que os viajantes que por aqui fazem transito sigam bem impressionados com o nosso maravilhoso progresso. Assim, assinalam-se já, nesse sentido, os trabalhos preliminares, tão officiais como particulares, de aformoseamento da capital e de utilidade publica para os turistas.

A Companhia Carris de Ferro, por exemplo, senhora altruista e pratica nas suas acções, começou por encurtar as suas zonas, de modo a encurtar assim, tambem, o percurso áquelles que queiram ir a Sevilha de electrico, com baldeação em Santo Amaro. A Companhia do Gaz e Electricidade, outro sindicato de altruismo e abnegação — oftalmologicamente falando, porque não quer o publico ceguinho com a violencia das luzes — tambem já deu o seu valioso concurso para a nossa cooperação na Grande Feira, andando a colocar os candie-

ros da iluminação publica á altura dos 3.º andares, isto de combinação com a empreza dos *Junker's*, para as futuras viagens nocturnas áquella provincia espanhola.

Como se vê, é uma ideia luminosa, vista de cima...

A nossa C. M. L. tambem vai fazendo o que pode; mas como não se pode *alambazar* muito por causa dos orçamentos e como o calçado das ruas custa muito caro, principalmente sendo feito com *crêpe de leilão*, vai delatando algumas «tombas» nos pavimentos mais necessitados.

O velho madeiramento da estação do Sul e Sueste tambem vai ser demolido e em seu lugar vai ser edificada uma *gare* toda catita, feita de cimento armado e destinada a armar ao efeito dos que ali desembarcam...

Depois de concluida a edificação, já poderemos dizer, abertamente e com orgulho: — *E' rapazes! Já temos cá gare p'r'o mar!*

Tambem a pavimentação do Terreiro do Paço vai ser modificada. Isto, que até aqui era segredo, desvendámos nós: — em lugar das pedrinhas soltas, de mau pizo, que veem desde D. José I, colocar-se-ha naquella grande praça uma especie de cimento feito com amendoim de Angola e Metropole, que servirá, ao mesmo tempo, de réclame áquelle nosso famoso produto colonial.

Ainda ha mais e melhor. Mas, por hoje, para não fatigarmos o leitor, ficamos por aqui. Entretanto, sempre diremos que o conhecido poeta Sevilha, montado no seu garboso ginete *Ferreira*, prepara uma luzida cavalgada á terra que lhe deu celebridade, onde lhe será descerrada uma lapide que perpetue a sua singular revelação no verso...

Pig-Meu

Quanto mais tu me bates...



— Muito gosto eu deste rapaz. Quando olha para mim parece que me está dando uma tarela.

Secção de Anuncios

SENHORA

Ainda em bom estado de conservação e apenas com vinte e quatro anos e meio de uso em casa de familia. Fala todas as linguas da Europa, excepto a do Porto. Oferece-se para dama de companhia. Resposta ao n.º 11.

PERDEU-SE

O tempo a seguir uma senhora. Dão-se alviçaras a quem o achou e queira entregar. Carta ás iniciais V. P.—33.

AVISO

Avisam-se as meninas casadoiras que á porta do Café Chiado ha pequenos disponiveis para casamentos e outras situações menos claras.

CAVALHEIRO

Desiludido da vida, deseja senhora nova que o acompanhe, a fim de que se desiluda da sua companhia. Resposta por carta ás letras D. P.

GRATIFICA-SE BEM

Quem descobrir uma mulher e uma sogra mais feras que as do anunciante que, só por isso, se dará por satisfeito. Resposta ao n.º 253.

PARTICIPAÇÃO

Francisco Manuel dos Anjos toma a liberdade de participar ás pessoas das suas relações que a sua chorada sogra Pollicarpa das Neves, ao fim de onze anos de martirio a que o sujeito, resolveu abandonar esta vida, seguindo o corpo, com solene acompanhamento de 5 empregados da agencia barata, para o cemiterio dos Prazeres, onde continua a receber as pessoas da sua amizade, todos os dias uteis, das 8 ás 19.—(Segue o reconhecimento).

ALVIÇARAS

Uma senhora que ontem deixou por esquecimento, num taxi uma «combinação» de seda, dá alviçaras a quem a entregar. Carta ao n.º 11.

VOZ

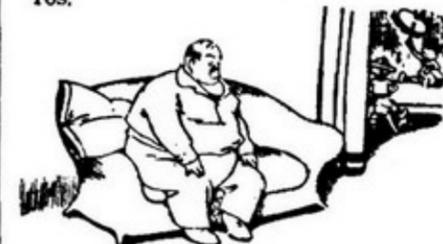
Perdeu-se, com alguns anos de uso. Gratifica-se quem a queira devolver á sua antiga possuidora. Resposta ao n.º A-22.

SEGUROS

Seguros de maridos pouco seguros fazem-se. Gratificação generosa ao fim de dois anos de segurado. Carta ao n.º 39-11.



O barbaças — Ora até que emfim. Já era tempo de desaparecer o espectáculo selvagem das corridas de touros.



— Esse sujeito que ofereceu nove mil pesetas para que os petizes venham veranear, se não estivesse em Madrid, havia de experimentar dormir aqui a sesta.

BOM HUMOR

Na hospedaria:
O turista: — É impossível dormir neste quarto. Está cheio de moscas, aranhas e ratos.
O criado: — Não tenha medo. Está tudo calculado. As aranhas comem as moscas e os ratos devoram as aranhas...

— No Honolulu ha indigenas que estão cinco minutos debaixo de agua.
— Isso não é nada. Conheci um australiano que passava o dia inteiro debaixo de agua.
— Pois eu tive um tio que ha anos, aproximadamente, atirou-se ao mar... e ainda não saiu...

Na praia:
— Imprudente! Então o senhor toma banho depois de jantar?
— Não faz mal. Como numa casa de hospedes...

— Diz um livro que cada copo de vinho que se bebe é uma hora de vida que se perde.
— Ah! pobre de mim! Então ha cinco anos que já devia estar morto...

— Que calor! Quarenta e nove graus!
— Porque motivo não põe você o termometro em lugar fresco?

A mãe: — Vamos, Mariquinhas, o que se diz antes de comer?
A filha: — Que não gosto hoje do almoço!

No tribunal:
— Porque bateu na sua mulher quando ela dormia?
— Porque quando está acordada é ela que me bate...

No restaurant:
— O que deseja a senhora?
— Alguma coisa com agua.
— Então o melhor é uma garrafa de vinho...

Na estrada:
— Levas o burro á feira?
— Não, o burro é que me leva a mim...

— Um medico! Um medico! O seu cão acaba de me morder?
— Meu Deus! O senhor padece de alguma doença contagiosa...

Na praia:
Ela: — São irmãs gêmeas, não é verdade?
Ela: — Eramos, mas agora ela tem mais dois anos que eu...

O hospede: — Mas este não era o quarto que eu esperava encontrar...
A patrão: — Nem o senhor o cavaheiro que eu desejo.



O guarda nocturno — Os visinhos queixam-se de que o senhor faz muito barulho de noite.
O dono da casa — E têm razão, mas digam-me lá como é que eu hei-de defender-me das tareias da minha sogra?

Um amante encravado

Xavier Carneiro, amava, perdidamente, a esposa, o que não impedia que a atraísse, sómente duas vezes por semana, com uma «charlestonisada» «brableta» do Bristol.

Madame Carneiro tambem correspondia ternamente ao afecto de seu marido, o que, igualmente, não obstava a que concedesse os seus favores a Pantaleão Pina, amigo profundo e socio de Xavier Carneiro, na firma Carneiro, Pina & C.ª, importante fabrica de botões, da nossa praça.

O marido ludibriado era o socio tecnico, tratando-se tu cá tu lá com a materia prima da sua fabrica, sabendo, tendo-os deante dos olhos, quantas duzias de botões de ceroulas dava um par de chifres grandes de boi pequeno.

Ora, Pantaleão Pina esteve recentemente em Paris, onde foi estudar os modelos de botões para o outono que vem. Aproveitou a oportunidade para comprar na Cidade-Luz, por umas dezenas de contos de réis, um lindo casaco de peles com que brindaria a mulher do seu bi-socio.

Chegado a Lisboa e avistando-se a sós com Madame Carneiro, fez-lhe entrega do precioso «cadeau». Esta agradeceu-lhe exuberantemente, mostrando-se, porém, bastante aborrecida porque lhe seria impossível apresentar-se com tão valioso objecto deante do marido, sem que este, ao vê-lo, não fosse capaz de supôr que a sua origem era bastante pecaminosa.

Assim, Pantaleão Pina, que é um rapaz muito esperto, não desfazendo (a boa educação não custa a ninguém), inventou o seguinte estratagemma:

— Minha querida Anastacia — era este o nome de baptismo da esposa de Carneiro, Pina & C.ª — não te rales com isso. O inverno ainda vem longe e não tens necessidade imediata do casaco. Eu faço umas rifas, impinjo algumas a teu marido e depois digo que lhe saiu o premio. Certamente que ele, rejubilante, se apresará a oferecer-te o casaco, só tu sabendo bem a quem, com as tuas doces caricias, deves agradecer.

E assim combinadas as coisas, Pi-

na deixou Anastacia consolada. Teria o seu casaco de peles sem que o marido suspeitasse da sua deshonesta proveniencia. Feitas as rifas, Pina tratou de passar duas ao seu socio e amigo pela modica quantia de cincoenta escudos cada, depois de este as ter negado por algum tempo.

— Ficas com elas porque não te arrependers. Tenho um palpite que te sai o premio e podes assim oferecer um belo presente a tua mulher pela modica quantia de cem escudos — dissera ele, batendo fraternalmente no lombo do Carneiro.

— Está bem, está bem, mas não digas nada á Anastacia porque, se me sair o premio, quero fazer-lhe uma surpresa.

Passaram-se dias. Amigo Pantaleão Pina irrompe, sorridente, no escritorio, felicitando Xavier Carneiro. O casaco havia-lhe saído.

— Tua mulher é que vai ficar doída de contente. Já disse ao moço do escritorio para ir levar o casaco a tua casa.

— Não faças isso, maluco. Vai chamá-lo, anda, enquanto eu escrevo aqui um bilheteinho.

Pantaleão Pina, pensando que o socio não queria enviar simplesmente o casaco, por temer que a mulher imaginasse que não era lá para casa e o mandasse para a vizinha do lado, apressou-se a chamar o moço. Quando este veio, Xavier Carneiro disse-lhe:

— João, leva esse embrulho a esta morada e volta sem esperares pela resposta.

E num ar paternal, de patrão deliado:

— Tem cuidado com os automoveis. Se te chamarem, não vás!

E, quando o portador saiu, Xavier Carneiro, levando o seu socio pela manga do casaco para um canto do gabinete, informou-o ao ouvido, não fossem as paredes escutar:

— Não digas nada á minha mulher sobre o casaco. Como nunca lhe del nada de vulto e a pequena começasse a andar aborrecida comigo, acabo de enviá-lo á minha amante...

F. G. Costa.

PANORAMAS



— Que lindo panorama se disfruta daqui, Jorge.
— E' verdade. Vê-se mesmo a olho nu.

Elevador da Gloria

Antonio Pinto Menezes era o empregado mais bem posto da repartição. Estreava um fato todos os meses e uma gravata todas as semanas. Fumava bons charutos e não era raro, quando saía do ministerio, escolher um taxi luxuoso para irritar os herbívoros pedestres da rua do Ouro. Todas as noites ia ao teatro, ao animatografo. Corriam sobre ele historias felizes. Uns davam-no como milionario, outros chegavam mesmo a arrumar-lhe a espaçosa frente duma corôa condal.

O caso é que Antonio Pinto a certa altura passou a ser de Menezes — com as suas luvas de camurça tijolo, as suas polainas ao gosto inglês e de charuto em riste, adquiriu uma situação invejavel, indiscutivel, saliente. Quando subia as escadas do ministerio, os porteiros, respeitosos, encolhiam-se numa irreverencia. Ao abrir a porta da repartição, os colegas informavam-se, com grande copia de informes, da sua saude e mesmo do estado interessante ou não duma cadelinha pequinois, que era um dos seus encantos caseiros.

O chefe da repartição conquistada pela elegancia do de Menezes fazia vista grossa quando ele se ausentava. De cinco em cinco minutos, o contínuo entrava, anunciando:

— Sr. dr. de Menezes, está lá fóra o sr. Sousa.

— Diga ao sr. visconde que vou já. O visconde era substituído por um antigo conselheiro, pelo banqueiro Dias, pelo commissario Antunes. Emfim, o beijinho do carnet mondain.

— Este rapaz sempre tem muitas relações! — exclamava ás vezes, entre admirativo e invejoso, o segundo official Sebastião Marques.

Menezes confirmava e oferecia-lhe um charuto.

Ha dois meses, porém, o Menezes entrou na repartição cabisbaixo e sorturo. Nesse mesmo dia, os jornais publicavam o decreto da redução dos vencimentos do funcionalismo. Explicava-se tudo. O Menezes devia a toda a gente: ao alfaiate, ao chapeleiro, ao camiseiro. O visconde, que o procurava com uma amizade tenaz, era um agiota, o antigo conselheiro o homem da pensão elegante onde vivia e o banqueiro Dias o fiador duma letra, já protestada no Tribunal do Comercio.

Menezes, farto de dividas e reduzido no orçamento á expressão mais simples, ia tambem fazer economias.

— Gastar pouco, mas sempre vestir bem!

Passaram-se tempos. Menezes já não estreava fatos, as luvas envelheciam a olhos vistos e o charuto foi substituído pelo tabaco «Superior». Era a autentica queda do homem superior no manga de alpaca mediocre, esfomeado, desconhecido. O Sebastião, que nunca perdera a esperanza de o amachucar, perguntou-lhe um dia á laia de consolação:

— Então, Menezes, o que é isso? Um homem é sempre um homem!

— Nem sempre, Sebastião. Dantes, quando não pagava a ninguém e andava bem vestido, toda a gente me fiava. Os alfaiates disputavam a honra de me vestir e os Bancos a minha assinatura em letras que somavam dezenas de contos; agora, que ando mal vestido e pago sempre, ninguém me fia um vintem. Nem para comer!

Custa muito a ser honrado neste país!



— Póde crêr que a sua filha é absolutamente fotogenica.
— Ai meu Deus! e isso é grave... pega-se?

DITOS... E FEITOS

Uma historia que parece verdadeira

Era um homem extraordinario, o nosso homem. Não era apenas inteligente: era tambem um sabio. Logo de pequeno, cedo ainda, se revelaram nele extraordinarias propensões para a matematica. E tanto estudou, tanto trabalhou, tanto se applicou aos numeros, que se chegou a ser lente de matematica na Escola Politecnica. Ha quantos anos isto já vai. *O tempo...*

Extraordinario, como ia dizendo, muito extraordinario era este homem. Bastará afirmar que, logo que chegava á mesa, para almoçar ou jantar, a primeira coisa que fazia era tirar a dentadura e pô-la de molho, num copo d'agua...

Como geralmente acontece com os grandes matematicos — bastantes vezes matematicos — a psicologia deste sabio tinha as suas coisas espatafurdias. Assim, por exemplo, uma vez que teve de examinar o filho dum amigo intimo, que bastantes vezes o albergou em sua casa, deu ao rapaz uma classificação de 16. Dirigindo-se, nesse mesmo dia, ao pai do examinando, explicou-lhe,

— O teu filho fez um exame brilhante. Merecia 19. Mas, como somos amigos, para que as más linguas não falassem, dei-lhe apenas 16!

... Pois o nosso homem gostava imenso de musica e era frequentador assiduo de S. Carlos, no tempo em que S. Carlos ainda não estava minado pelas formigas. (Ou, se o estava, ninguém o sabia). Aconteceu, porém, que durante muito tempo o nosso ilustre matematico — uma especie de Antonio Cabreira antes de acondalhado — não foi visto na opera. Toda a gente estranhou uma tal ausencia, que ninguém sabia a que ponderosos motivos poderia ser atribuida.

Quando voltou a S. Carlos, quasi no fim da epoca, o ilustre matematico não deixou de, no primeiro intervalo, ir cumprimentar os seus amigos XXX, no camarote de 1.ª ordem que tinham de assinatura.

Ora, como a ausencia do ilustre matematico fóra uma coisa notoria, quasi um escandalo mundano, Madame XXX não deixou de o interrogar, logo de entrada, sobre a sua fuga de S. Carlos.

— O sr. doutor, apaixonado pela musica, estar tanto tempo sem vir a S. Carlos... Grande misterio, com certeza...

— Não, minha senhora. Tenho estado simplesmente em casa, a estudar matematica.

— A estudar matematica? — observou Madame XXX, realmente admirada. Então o sr. doutor, um lente da Politecnica, ainda precisa estudar matematica?!

Resposta do ilustre matematico: — Oh, minha senhora! V. Ex.ª até parece ser de Viseu!

E a pobre senhora, que não percebia por que motivo até parecia de Viseu, no meio da matematica e da musica, mostrou-se verdadeiramente admirada:

— De Viseu, porquê?
— Ora, porquê! Porque, ha dois dias, um amigo meu, natural de Viseu, precisamente, me fez a mesma pergunta. E eu respondi-lhe: «O senhor é estúpido: porque a matematica é uma coisa que se estuda sempre e nunca se sabe...»

... Parece mentira, mas aconteceu, assim mesmo, num camarote de 1.ª ordem, em S. Carlos, ha mais de vinte anos.

Carlos d'Agualva.

SEMPRE FIXE vende-se na Povoas de Varzim, na Livraria Academica Editora.

A TOQUE DE CAIXA...

Numa noite de vigilancia rigorosa, uma sentinela adormeceu no seu posto. O sargento de ronda aproximou-se em pésinhos de lá e deparou com o pobre soldado encostado á guarita e rendido ao poder narcotico de Morfeu. Claro que não lhe foi difficil escamotear o sabre, sem que a sentinela adormecida se apercebesse de nada.

No dia seguinte, o nosso homem é chamado á presença do comandante, que se tinha previamente informado sobre o comportamento do rapaz. Exemplar. Um excelente pobre diabo cumpridor dos seus deveres. Era a primeira vez que cometia uma falta e, ainda assim, uma falta involuntaria.

— Tu já pensaste bem naquilo que fizeste? — perguntou-lhe o comandante.

— Pensei, sim, meu major.
— E sabes que te espera um conselho de guerra?

— Sei, sim, meu major.
— E que o menos que te pode suceder é ir dar um passelo até á Africa?

— Paciencia, meu major.
Deante deste exemplo edificante de filosofia estoica, o comandante não se conteve e perguntou-lhe num tom aspero:

— Então tu não te ralas nada com o que te aconteceu?

E o soldado, imperturbavel como Sócrates quando bebeu a cicuta:

— Ralei-me logo tudo o que me tinha a ralar, meu major.

Numa escola militar, o lente pergunta a um aluno se conhece um general que deixou o seu nome na Historia ligado ás lutas liberais, tendo entrado triunfantemente em Lisboa á frente dum exercito que derrotou as tropas miguelistas. O aluno cala-se. O professor vai acrescentando mais dados biographicos para lhe despertar a memoria:

— Olhe que foi conde e marquês de Vila-Flôr...

E o aluno silencioso.
— Ganhou uma batalha que tem na Historia o nome de Asseiceira...

E o aspirante nada.
— Tem uma estatua em Lisboa, numa praça publica...

E o rapaz não consegue decifrar a charada.

— Veja se se lembra: descendo a rua do Alecrim...

Resposta fulminante.
— Eça de Queiroz.

Como o leitor tambem se não recorda, eu elucido: era o duque da Terceira.

Numa escola preparatoria de cabos,

o professor pergunta a um aluno se sabe o que é um canhão. O aluno cala-se. O professor insiste. O aluno hesita.

— Homem, dê-me uma definição tirada da sua cabeça!

O aluno pensa. E depois de pensar:

— Canhão é um buraco com bronze á roda.

Durante uma formatura de regimento, o comandante tinha recomendado que não queria ouvir uma palavra. Que ninguém se atrevesse a perturbar o silencio! Os comandantes de pelotão eram responsaveis pela falta cometida por um dos seus homens. Entendido?

Cada official partiu para a frente do seu pelotão e repeliu a ordem que lhe tinha sido dada. Fez-se um grande silencio em volta. Ouvia-se uma abelha zunbir na parada do quartel.

Ainda não tinham decorrido trinta segundos, quando uma voz pastosa quebrou o silencio.

— Que calor!

Chamado á pedra, o pobre soldado que infringira a ordem desculpou-se:

— Ha de perdoar, meu tenente: escapou-se-me a fala.

Vão ser decretados os novos modelos de barretinas para o exercito. O boné bulgaro será substituido pelo modelo peninsular, de copa larga como um chapéu de sol.

Comentario dum official, que é major e humorista:

— Agora é que eles se vão vêr doídos p'ra nos «encher a barretina».

Num regimento de cavalaria, o plantão á cavaliariça não conseguiu dominar o sono e, a certa altura, deixou-se adormecer.

Durante a noite, enquanto o nosso homem sonhava, um cavallo foi acometido de doença subita e morreu.

De manhã, o official de dia entrou na cavaliariça e deparou com o cavallo morto.

— Plantão! Explica lá como morreu este cavallo.

O pobre plantão, que dormira toda a noite a sono solto, ficou tão atropalhado com a pergunta que, querendo dar a todo o custo uma resposta, não encontrou melhor explicação do que esta:

— Olhe, meu tenente, o cavallo deu um esticão, começou a gritar «Al, Jesus!», «Al, Jesus!» e caiu p'r'ó lado. Tableau.

A repressão da mendicidade



— Você, nessa posição, pôde muito bem ser engraxador em vez de andar a pedir esmola.

Remedios caseiros

Para curar uma constipação

Uma vez que tive fogo em casa, perdi ao mesmo tempo o meu lar, a minha felicidade, a minha boa constituição e a minha mala.

A perda dos dois primeiros objectos não tinha grande importancia. Mas perder uma boa constituição e uma mala é o cumulo de infelicidade.

No dia do incendio, a minha boa constituição sucumbiu sob o ataque duma constipação que eu apanhei ao aquecer demasiado para ajudar os bombeiros.

A primeira vez que espirrei, um amigo aconselhou-me a dar um banho quente aos pés e a deltar-me em seguida. Cumprí.

Um pouco mais tarde, um outro amigo sugeriu que me levantasse e que tomasse um duche frio. Cumprí tambem.

Ao ir para o escritorio, encontrei um terceiro amigo de infancia que me declarou que a melhor maneira de curar uma constipação era: beber meio litro de agua morna e salgada. O resultado foi surpreendente... Julguei que dava a alma ao Criador.

Se apanhar outra constipação e não tiver outros remedios senão um tremor de terra ou meio litro de agua morna e salgada — preferirei tomar o tremor de terar.

Quando amainou a tempestade de que o meu estomago fóra teatro, continuei a comprar lenços e a reduzi-los a atomos, até que encontrei certa senhora chegada duma aldeia onde não havia medicos. Por consequente, a senhora tinha necessariamente uma grande habilidade para curar as doenças benignas.

Devia ter mesmo uma experiencia notavel, porque me preparou logo uma mistura feita com melaço, agua forte, terebentina e outras drogas — recomendando-me que tomasse um cálice de quarto em quarto de hora.

Só bebi um calice. Mas foi o bastante para me tirar todos os principios morais e para acordar em mim os mais baixos instintos da natureza. Sob a influencia maligna dessa beberagem, senti-me capaz de matar: todas as senhoras vindas das aldeias e de as ir ainda profanar ao cemiterio.

Dois dias depois, ensaiei novos remedios infalíveis, que deram por resultado que a minha constipação cessou para os pulmões. Puz-me a tossir sem paragens e a minha voz desceu abaixo de zero.

Peorei. Aconselharam-me aguardente pura. Tomei.

Aconselharam-me aguardente em melaço. Tambem tomei.

Depois: — aguardente com cebolas. A minha respiração parecia a duma adega.

Uma senhora caridosa propôs-me que puzesse sobre o peito uma cataplasma de farinha de mostarda. Estou certo de que esta cataplasma me teria curado se não fósse um cachorro que eu tenho, chamado Fixe.

Nessa noite, deitei-me, colocando cuidadosamente a cataplasma, que era aliás imponente, medindo cerca de meio metro quadrado. Infelizmente, o joven Fixe, que dorme no meu quarto, teve fome de noite e comeu-a.

Nunca encontrei ninguém com um appetite comparavel ao do meu cachorro. Se eu fósse comestivel e não estivesse constipado, o bicho devorava-me tambem, como tempero da cataplasma.

Ante-ontem, um velhote convenceu-me a beber um litro de cognac em cada vinte e quatro horas. Um outro amigo recomendou-me o mesmo regimen. Como cada um deles me aconselhou um litro — somados: são dois litros por dia...

Tenho-os tomado... Vou vivendo... E não me sinto pior...



O sr. Muller sonhou toda a semana com as delicias do descanso dominical.



O que se diz e o que se não deve dizer

QUEM FORAM OS "AMADORES" QUE RECEBERAM OS 13 CONTOS?

Ante-ontem, na Travessia de Lisboa a nado, um homem, num barquinho, interpelava um dos concorrentes: — «Então? A água está boa?» — «Não sei! Tenho feito todo o possível para não beber nenhuma...»

Ha cerca de dois anos, após a estrondosa queda duma Comissão Administrativa do Sporting Club de Portugal, uma atmosfera pesada de suspeições se levantou sobre o seu tesoureiro.

Em assembleias posteriores, o assunto continuou a ser debatido: — ataques ruidosos, ameaças de expulsão, insinuações palavrosas, etc., etc., etc. Provas: — nenhuma!

O acusado, impavido e sereno, não dizia nada.

Não dizia nada, remodelava um antigo club em decadencia e ascendia a seu presidente.

Entretanto, uma comissão de inquerito, com peritos contabilistas, investigava.

O homem continuava a não dizer nada...

Após tantos meses, o assunto voltou à baila, na assembleia geral do Sporting realizada na passada semana. O relatório da comissão inquiridora chegava, em resumo, a esta conclusão: — Faltam oito contos.

Nesta altura, o acusado falou. E começou por dizer, mais ou menos, o seguinte:

— «Não senhor! Não faltam oito contos! Faltam 13.»

Não se riam os leitores, que a coisa é muito mais séria do que parece. Porque o arguido continuou e concluiu pela forma que segue:

— «Ita 13, e não 8 contos, que não estão documentados. Parece-me muito preferível não dizer aqui alto e bom som, nesta assembleia geral PUBLICA, QUEM RECEBEU ESSES 13 MIL ESCUDOS. Por conseguinte, eu vou declará-lo POR ESCRITO e entregar esse documento á mesa da Assembleia Geral. E se ela entender

que pode publicá-lo, que o faça...» Ficou toda a gente com um marmelo cru atravessado na garganta... E acabou a historia...

E' claro que o que acima se contou dava um succulento artigo para um jornal sisudo. Para o Fixe não dá, porque nós não achamos graça que sobrasse.

O humorismo foi todo feito pela pessoa vizada. E tão sinteticamente bem feito que, alargar o assunto, é tirar-lhe a piada...

A historia tem contudo um factor psicologico que não comentaremos por descabido, mas que achamos interessante enunciar:

Se Araujo-negociante é vizado na

honestidade do seu proceder dentro da modalidade comercial da sua vida publica, nós teremos, com certeza: scenas de pugilato, comunicados nas gazetas, duelos, questões nos tribunais, etc., etc., etc.

Mas, se a honestidade de Araujo-desportista é posta em duvida sob esta outra modalidade da sua vida publica, o vizado concede anos á maledicencia e ainda, na hora da justificação, lhe sobra espirito para ter uma atitude feita de filosofia, de ultra-modernismo, de serenidade hiper-civilizada e de humour á Bernard Shaw.

Das duas — uma: Ou isto está tudo errado... Ou, então, o amadorismo desportivo é a coisa mais espantosa que se

tem inventado desde que o Mundo é Mundo...

Os amadores do desporto automobilista souberam com admiração dum grande banquete realizado em Londres e presidido pelo maior industrial britânico, o sr. W. Morris — e em que se fizeram afirmações extraordinarias sobre a proxima ressurreição da industria inglesa da especialidade. O proprio governo britânico se fez representar por um official superior e que também fez declarações de peso.

E' certo que a expansão americana se não combate com discursos. Mas, tratando-se de ingleses, a coisa toma vulto.

Vamos, pois, ter, decerto, uma especie de Rolls-Royces quasi a pataco...

E tão bons que, após 25 anos de uso, poderão ainda ser revendidos pelo dôbro do custo...

Houve um tempo em que no football, a critica gritava á unia: — *place aux jeunes!*

E a revelação dos novos den-nos um Augusto Silva e um Roquete e um Vitor Silva, etc., etc., etc.

Mas parece que o vento mudou.

Os jornais anunciam-nos a reaparição de Pinho e de Alberto Augusto no Benfica.

Não devem as coisas ficar por aqui. O Sempre Fixe anuncia na nova formação do Sporting: — os irmãos Francisco e Artur José Pereira.

Eduardo Luis Pinto Basto defenderá as rédes do Caravelinhos.

E o novo Club Desportivo de Paços conta com a inclusão do antigo internacional escocês Bradford, nascido em 1842 e que se está treinando a fazer goals com as longas barbas brancas.

Corre também que Cosme Damita fundará um novo agrupamento, tendo visitado ha dias a cerca do cemiterio dos Prazeres e o Al'o Estoril onde recrutou um temivel team de fantasmas com grande corrida.

EM AYAMONTE...



Parece que foi aí a monte.



O tio Manoel Cabeças tinha uma cabeçorra tão grande que, por mais que procurasse, não havia meio de encontrar chapéu que lhe servisse.

Certo dia comprou um que lhe ficava pequenissimo. Mas encontrou-se com um amigo que ao vê-lhe aquele chapelinho lhe disse:

— Sabes que encontrei agora ali em baixo o teu menino mais novo, a chorar amargamente, dizendo que lhe tinhas roubado o chapéu?...

ECOS NA SEMANA

AS REGATAS EM CASCAIS - ASPECTO DA CORRIDA DE HIDRO-AVIÕES DE 250 CAVALOS



A ESTE APARELHO É MARCA MACCHIXE

OS CAVALOS A CORRE AS BARCAS A NAVEGA AS MENINAS A APRENDE E O PARLEUR A BERRA

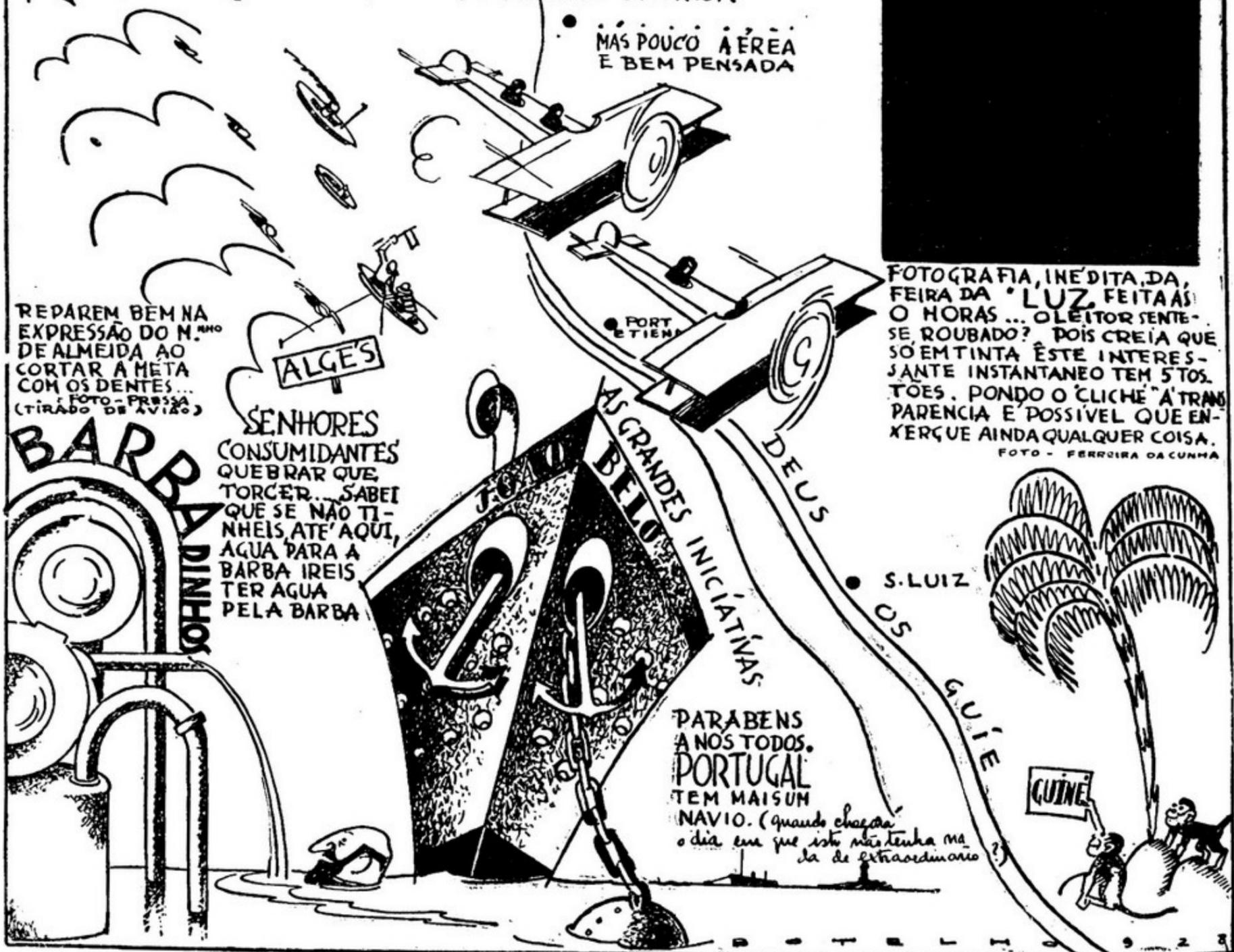
ALLO!!
ALLO!!
BRO-LO-
RRO-APÓ,
DO-RA-RE
RIPÓ-A-
MIDO-RICA
MO-E-DU-
BRO....

NAO PERCEBEU?
NEM EU..

ANIMADISSIMA, INTERESSANTISSIMA, CONCORRIDISSIMA FASE

A VIAGEM AEREA ATRAVÉS D'AFRICA

MAS POUCA AEREA E BEM PENSADA



REPAREM BEM NA EXPRESSÃO DO M. DE ALMEIDA AO CORTAR A META COM OS DENTES... (FOTO - PRESSA (TIRADO DE VIZO))

ALGES

SENHORES CONSUMIDANTES QUEBRAR QUE TORCER... Sabei que se não tinheis até aqui, água para a barba ireis ter água pela barba

BARBA D'ALMEIDA

PORT ETIENNA

AS GRANDES INICIATIVAS

DEUS

FOTOGRAFIA, INEDITA, DA FEIRA DA 'LUZ FEITAS O HORAS... O LEITOR SENTE-SE ROUBADO? POIS CREIA QUE SO EM TANTA ESTE INTERES-SANTE INSTANTANEO TEM 5 TOS. TOS. PONDO O CLICHE A TRANSPARENCIA E POSSIVEL QUE EN-XERQUE AINDA QUALQUER COISA. FOTO - FERREIRA DA CUNHA

S. LUIZ

OS GUIE

GUINE

PARABENS A NOS TODOS. PORTUGAL TEM MAIS UM NAVIO. (quando chegar o dia em que isto não tenha na da de extraordinario?)